

O highlander escuro

Karen Marie Moning

Highlander 5

O tempo é a moeda de sua vida.
É a única moeda que tem,
e só você pode determinar como será gasta
Tome cuidado, não deixe que outras pessoas a gastem por ti.

Carl SANDBURG

Primeiro Prólogo

Em um lugar difícil de conceber para a humanidade, uma espécie de homem —o divertia fazer-se conhecer entre os mortais com o nome do Adam Black— se aproximou de um estrado coberto por um toldo de seda e se ajoelhou ante sua rainha.

—Minha rainha, o Pacto foi quebrado.

Aoibheal, rainha dos Tuatha do Danaan, guardou silêncio por muito tempo. Quando finalmente se voltou para seu consorte, sua voz gotejava gelo.

—Convoca à Câmara de vereadores.

Segundo Prólogo

Milhares de anos antes do nascimento de Cristo, estabeleceu-se na Irlanda uma raça chamada Tuatha do Danaan que, com o passado do tempo, fez-se conhecida como a Raça Verdadeira, ou Raça das Fadas.

Uma civilização avançada de um mundo longínquo, os Tuatha do Danaan educaram a alguns dos humanos mais prometedores que acharam nos ensinamentos Druidas. Por um tempo, homens e fadas compartilharam a Terra em paz, mas fatalmente, uma amarga separação nasceu entre eles, e os Tuatha do Danaan decidiram mudar-se para outros sítios. A lenda afirma que se dirigiram “sob as colinas” em “montículos de fadas” ou “túmulos”. A verdade é que nunca deixaram nosso mundo, mas mantêm seu corte fantástica em lugares difíceis de encontrar para a humanidade.

depois de que os Tuatha do Danaan partissem, os Druidas humanos guerrearam entre si, separando-se em distintas ordens. Treze deles recorreram às artes escuras e —graças ao que os Tuatha do Danaan lhes tinham ensinado— quase destruíram a Terra.

Os Tuatha do Danaan emergiram de seus lugares secretos e detiveram os Druidas Escuros antes de que conseguissem danificar a Terra além de toda reparação. Despojaram aos Druidas de seu poder, dispersando-os para os rincões mais longínquos da Terra. Castigaram aos Treze que se tornou Escuros lançando-os a um lugar entre dimensões, encarcerando suas almas imortais em uma prisão eterna.

Os Tuatha do Danaan escolheram então uma ascendência nobre, a dos Keltar, para usar o conhecimento sagrado e reconstruir e nutrir a terra. Juntos, negociaram o Pacto: o tratado que controlava a convivência entre suas raças. Os Keltar fizeram muitos votos de compromisso com os Tuatha do Danaan; acima de tudo, que nunca usariam o poder das pedras estáticas —que outorgavam ao homem que conhecesse as fórmulas sagradas a habilidade de mover-se através do espaço e o tempo— para lucros pessoais ou fins políticos. Os Tuatha do Danaan prometeram muitas coisas em troca, acima de tudo, que nunca apagarão a alma de um mortal. Ambas as raças, durante muito tempo, acataram os compromissos feitos esse dia.

Durante os seguintes milênios, os MacKeltar peregrinaram para Escócia e se estabeleceram nas Highlands, no território agora chamado Inverness. Embora a maior parte de sua história antiga, do tempo de sua colaboração com os Tuatha do Danaan, perdeu-se mais tarde nas névoas de seu passado distante e passou ao esquecimento, e embora após não houvesse precedentes de que um Keltar achasse a um Tuatha do Danaan, nunca se desviaram do rumo de seu propósito jurado.

Comprometidos para servir para o bem da humanidade, nenhum MacKeltar rompeu jamais seu juramento sagrado. Nas poucas ocasiões que deveram abrir uma porteira a outros tempos dentro do círculo de pedras, foi pela mais nobre das razões: para proteger à Terra de um grande perigo. Uma lenda antiga sustenta que se um MacKeltar romper seu juramento e usa as pedras para viajar através do tempo com propósitos pessoais, as inumeráveis almas dos Druidas mais Escuros, apanhados entre dimensões, reclamarão-o e o transformarão no Druida mais Escuro e espantosamente capitalista que o gênero humano alguma vez tenha conhecido.

A finais do século XV, nasceram os irmãos gêmeos Drustan e Dageus MacKeltar. Como seus antepassados antes que eles, protegeram a antiga tradição, nutriram a terra e guardaram o cobiçado secreto das pedras estáticas.

Homens honoráveis, sem corrupção, Dageus e Drustan honraram fielmente seus votos.

Até uma fatídica noite, em um momento de pena cegadora, em que Dageus MacKeltar violou o Pacto sagrado.

Quando seu irmão Drustan resultou morto por causa de um incêndio, dentro da torre onde dormia seu sonho de quinhentos anos, Dageus entrou no círculo de pedras e retornou no tempo para impedir a morte do Drustan. Teve êxito, mas entre dimensões, foi feito pelas almas dos Druidas malignos, quem não há sentido os sabores, ou meio doido, ou feito o amor, nem dançado ou competido pelo poder por quase quatro mil anos.

Agora, Dageus MacKeltar é um homem com uma boa consciência e Treze más. Embora possa manter-se forte durante algum tempo, seu prazo se faz mais e mais curto.

O Druida mais Escuro atualmente reside na rua 70 do leste de Manhattan, e é ali onde nossa história começa.

Capítulo 1

O dia presente.

Dageus MacKeltar caminhava como um homem e falava como um homem, mas na cama, era um animal selvagem.

A advogada criminalista Katherine Ou'Malley chamava as coisas por seu nome, e esse homem era Sexo a secas, com uma S maiúscula. Agora que se deitou com ele, estava arruinada para outros homens.

Não era justo que ele se visse dessa maneira, com seu corpo esculpido, a pele vertida como veludo de ouro sobre seus rasgos acedados e cinzelados, e seu sedoso cabelo negro. Ou o sorriso tão preguiçoso, completamente arrogante que oferecia o paraíso a uma mulher. E o entregava. Cem por cento de satisfação garantida.

Não eram inclusive os exóticos olhos dourados bordeados por grossas pestanas negras sob suas sobrancelhas enviesadas.

Era o que o fazia.

Ele era sexo como nunca tinha tido em sua vida, e Katherine tinha mantido relações sexuais durante dezessete anos. Tinha pensado que o tinha visto tudo. Mas quando Dageus MacKeltar a tocava, estremecia-se até o mais profundo de seu ser. Esquivo, cada movimento lisamente controlado, quando ele se despojava de sua roupa, tirava-se cada onça dessa disciplina rígida e se convertia em um bárbaro selvagem. Follaba com a intensidade do último propósito de um homem na sala de espera da morte, a ponto de ser executado ao amanhecer.

Somente pensar nele fazia que lugares sob seu ventre se esticassem. Fazia que sua pele se sentisse dilatada, muito tirante sobre seus ossos. Fazia que sua respiração se moldasse curta e afiada.

Nesse momento, de pé na hall fora da puertaventana esmaltada de seu delicioso penthouse em Manhattan com vista a Central Park, que lhe adequava como uma segunda pele, rigorosamente elegante, branco, negro, cromo e duro, sentiu-se intensamente viva, cada nervo de seu corpo eletrizado. Inspirando profundamente, deu volta o trinco e empurrou a porta para abri-la.

Não estava nunca fechada. Como se ele não temesse estar a uns quarenta e três insignificantes pisos por cima do brilho e os fios cortantes da cidade. Como se tivesse visto quão pior Nova Iorque tinha para oferecer e o encontrasse tudo ligeiramente divertido. Como se a cidade pudesse ser grande e má, mas ele fora maior e pior.

Entrou, inspirando o perfume substancial das rosas e a madeira de sândalo. A música clássica se derramava através do luxuoso quarto, o Réquiem do Mozart, mas ela sabia que mais tarde ele poderia tocar ao Nine Inch Nails com a mesma facilidade que estirar seu corpo nu contra a parede de janelas com vista para o Conservatório Water, investindo-a até que gritasse sua liberação às luzes brilhantes da cidade debaixo.

Sessenta cobijados pés quadrados da Quinta Avenida no East Side, e ela não tinha idéia de que fazia ele para ganhá-la vida. A maior parte do tempo, não estava segura de querer sabê-lo.

Empurrou as portas para as fechar atrás dela e deixou que as suntuosas dobras de seu casaco de couro se derramassem até o piso, revelando suas altas coxas coroadas com ligas de encaixe negro, fazendo jogo com as calcinhas, e um breve sustento que levantava e ensinava seu seios cheios à perfeição. Viu momentaneamente seu reflexo nas janelas obscurecidas e sorriu. Aos trinta e três, Katherine Ou'Malley se via bem. E deveria fazê-lo, pensou, arqueando uma sobrancelha, com tanto exercício como fazia na cama dele. Ou no piso. Ou atravessada no sofá de couro. Ou em seu Jacuzzi de mármore negro.

Uma quebra de onda de luxúria a fez sentir enjoada, e respirou profundamente para desacelerar os batimentos do coração de seu coração. sentia-se insaciável. Uma vez ou dois, tinha brincado com o pensamento escandaloso de que ele não poderia ser humano. Que talvez fora algum mítico deus sexual, possivelmente Priapus cativado pelos habitantes necessitados da cidade que nunca dormia. Ou alguma criatura de uma tradição esquecida por muito tempo, um Sidhe que tivesse a habilidade de aumentar o prazer dos mortais a extremos que de outra maneira jamais poderiam saborear.

—Katie, garota—. A voz masculina flutuou para baixo do duplex de quinze quartos, escuro e rico, seu acento escocês lhe fazendo pensar em fumaça de turfa, pedras antigas e uísque antigo.

Só Dageus MacKeltar poderia sair-se com a sua chamando o Katherine Ou'Malley “Katie, garota”.

Enquanto ele descia a escada curva e entrava na sala de estar de trinta pés com seus céus rasos abovedados, chaminé de mármore e vista panorâmica do parque, ela ficou imóvel, bebendo sua imagem.

Ele levava postas calças de linho negros, e ela sabia que não haveria nada debaixo, exceto o corpo melhor masculino que alguma vez tinha visto. Seu olhar flutuou brandamente sobre seus ombros largos, para baixo por seu assumo duro e seus abdominais marcados, atrasando-se nas cordas gêmeas de músculo que se separavam a parte inferior de seu estômago e se enterrava em suas calças, tentando a seus olhos para continuar.

—O suficientemente bom para me comer?—. Seus olhos dourados brilharam intensamente enquanto percorriam seu corpo—. Vêem—. Ele estendeu sua mão—. Moça, tira-me o fôlego. Seus desejos são minhas ordens esta noite. Só tem que me dizer isso

Seu cabelo comprido cor meia-noite, tão negro que parecia azul escuro, igual à sombra de sua barba, na incandescência âmbar das luzes diferidas se derramava de um ombro musculoso até sua cintura, e ela inalou em uma respiração rápida.

Conhecia o tato desses cabelos varrendo seu seios nus, roçando seus mamilos, caindo mais baixo, através de suas coxas,

enquanto ele a fazia alcançar o clímax depois de elevá-la às alturas.

—Como se precisasse dizer algo. Você sabe o que quero antes de que o eu faça mesma—. Ela ouviu o fio em sua voz, soube que ele a ouvia também. Punha-a nervosa quão bem a entendia: antes de que ela soubesse o que desejava, ele o dava.

Isso o fazia perigosamente aditivo.

Ele sorriu, mas realmente esse sorriso não alcançou seus olhos. Katherine não estava segura de que alguma vez o tivesse visto alcançar seus olhos. Nunca se alteravam: somente observavam e esperavam. Como os olhos dourados de um tigre, o dele eram vigilantes mas longínquos, divertidos mas distantes. Olhos famintos. Olhos de depredador. mais de uma vez, ela tinha querido perguntar o que viam esses olhos de tigre. O que meditavam, que diabos pareciam esperar, mas no gozo de seu corpo duro contra o dela, esquecia-o uma e outra vez, até que estava de retorno no trabalho e era muito tarde para perguntar.

Tinha estado deitando-se com ele por dois meses, e não sabia mais a respeito dele agora que o dia que o tinha conhecido no Starbucks, frente a Ou'Leary, Banks e Ou'Malley, onde era sócia, obrigado em parte para seu pai, o Ou'Malley da assinatura, e em parte para sua própria falta de compaixão. Um olhar aos seis pés e quatro polegadas de homem misteriosamente sedutor sobre o bordo de sua taça de seu café au lait, e ela tinha sabido que tinha que o ter. Poderia ter tido algo que ver com a forma em que ele tinha fechado os olhos ante ela enquanto perezosamente tinha gasto a nata batida de seu moka, fazendo-a imaginar essa língua erótica fazendo coisas muito mais íntimas. Poderia ter tido algo que ver com o puro e ardente calor sexual que ele emitia, mas sabia que tinha muito que ver com o perigo que emanava dele. Alguns dias, perguntava-se se o defenderia como a um de seus controvertidos clientes nos meses ou anos vindouros.

Esse mesmo dia se conheceram e tinham rodado através de seu tapete berberisca branca, da chaminé até as janelas, lutando silenciosamente pela posição dominante, até que não lhe tinha importado como tomasse ele, sempre que o fizesse.

Com uma reputação de língua afiada como folha de barbear e uma mente para respaldá-la, ela nunca, nenhuma só vez, havia a tornado contra ele. Não tinha idéia de como mantinha seu luxuoso estilo de vida, como tinha obtido suas coleções obscenamente faces de arte e armas antigas. Não sabia onde tinha nascido, ou inclusive quando era seu aniversário.

No trabalho, mentalmente preparava seu interrogatório, mas indevidamente as perguntas minuciosas se entupiam em sua língua no momento que o via. Ela, a desumana interrogadora da sala de tribunal, estava coibida ao falar em seu dormitório. Em ocasiões, relacionavam-se em formas imensamente mais aprazíveis. O homem era um verdadeiro professor do erótico.

—No limbo, moça? Ou simplesmente decidindo como me quer?— ronronou ele.

Katherine se umedeceu os lábios. Como o queria?

Ela o queria fora de seu sistema, sem manter-se esperando a seguinte vez que se deitasse com ele: o sexo não podia ser tão enloquecedor. O homem era muito perigoso para envolver-se emocionalmente com ele. Justamente no dia anterior, demorou-se no Mass, rezando para superar seu vício por favor, Meu deus, logo. Sim, ele esquentava seu sangue, mas havia algo nele que esfriava sua alma.

Mas enquanto isso, estava desesperadamente fascinada enquanto imaginava exatamente como o teria. Sendo uma mulher forte, sentia-se excitada pela força de um homem autoritário. Cairia essa noite tombada desgarbadamente sobre seu sofá de couro. Ele enterraria os punhos em seu cabelo comprido, investindo-a desde atrás. Morderia sua nuca quando ela chegasse.

Inspirou agudamente, deu um passo adiante, e ele já estava junto a ela, arrastando-a para o tapete grossa. Os lábios firmes, sensuais, com um indício de crueldade, fecharam-se sobre os dela enquanto a beijava, os olhos dourados estreitando-se.

Havia algo a respeito dele que bordeaba o terror, pensou ela enquanto o homem imobilizava suas mãos contra o piso e se levantava sobre ela, muito formoso, muito cheio de segredos escuros para que, suspeitava, alguma mulher pudesse conhecê-lo, e que fazia o sexo tão mais delicioso, com esse bordo fino de perigo.

Foi seu último pensamento coerente por um comprido, comprido tempo.

Dageus MacKeltar apoiou as Palmas contra a parede de janelas e ficou com o olhar fixo na noite, seu corpo separado de uma queda de quarenta e três pisos por um simples cristal de vidro. O zumbido suave da televisão se escutava quase perdido no chapinho da chuva contra as janelas. Uns poucos pés a sua direita, a tela de sessenta polegadas refletia dentro do vidro brilhante ao David Boreanaz, interpretando ao Angel, o torturado vampiro com uma alma. Dageus observou o tempo suficiente para ver que era um episódio repetido, logo deixou seu olhar flutuar brandamente de retorno de noite.

O vampiro sempre encontrava ao menos uma resolução parcial, e Dageus tinha começado a temer que para ele não haveria nenhuma. Nunca.

Além disso, seu problema era algo mais complicado que o do Angel. O problema do Angel era ter uma alma. O problema do Dageus era ter uma legião delas.

Passando uma mão através de seu cabelo, estudou a cidade debaixo. Manhattan: apenas umas vinte e dois milhas quadradas, habitada por quase duas milhões de pessoas. E estava a metrópole mesma, com sete milhões de pessoas apertadas dentro de trezentas milhas quadradas.

Era uma cidade de proporções grotescas para um Highlander do século dezesseis, uma imensidão puramente inconcebível. Quando tinha chegado pela primeira vez à cidade de Nova Iorque, tinha passeado ao redor do Empire State Building por horas. Cento e dois pisos, dez milhões de tijolos, o interior de trinta e sete milhões de pés cúbicos, mil duzentos e cinquenta pés de alto, golpeado por relâmpagos em um médio de quinhentas vezes ao ano.

por que o homem construía tais monstruosidades?, perguntou-se. Por pura loucura, respondeu-se o Highlander.

E era um bom lugar para chamar lar.

A cidade de Nova Iorque tinha cativado a escuridão dentro dele. Fazia sua guarida no coração que pulsava nela.

Um homem sem clã, emparelha, nômade, tirou-se ao homem do século dezesseis como um tartán muito puído pelo uso e

tinha exercido seu intelecto formidável de Druida para assimilar o século vinte e um: a linguagem nova, os costumes, a tecnologia incrível. Entretanto, havia ainda muitas coisas que não entendia: certas palavras e expressões o deixavam completamente perplexo, e a maioria das vezes, pensava em latim, gaélico ou grego e traduzia precipitadamente as palavras para as adaptar com uma notável exatidão.

Sendo um homem que possuía o conhecimento esotérico para abrir uma ponte através do tempo, tinha esperado cinco séculos para encontrar ao mundo convertido em um lugar vastamente diferente. Sua compreensão da tradição Druida, a geometria sagrada, a cosmologia e as leis naturais do que o século vinte e um chamava física, tinham simplificado as maravilhas do mundo novo que ele devia compreender.

E não era porque freqüentemente não atuasse como um estúpido. O fazia. Voar em um avião o havia comocionado enormemente. A engenharia e a construção fabulosa das pontes de Manhattan o tinham mantido absorto durante dias.

A gente, o abundante caudal de pessoas, desconcertavam-no. Suspeitava que sempre o fariam. Havia uma parte do Highlander do século dezesseis que nunca poderia trocar. Essa parte sempre sentia saudades os espaços totalmente abertos de céu estrelado, léguas e léguas de colinas ondulantes, campos intermináveis de urzes e as moças escocesas alegres e bonitas.

aventurou-se a América porque tinha esperado que peregrinando longe de sua amada Escócia, dos lugares cheios de poder como as pedras estáticas, poderia diminuir a posse do mal antigo dentro dele.

E os tinha afetado: embora só tinha desacelerado sua descida à escuridão, não os tinha extinto. Dia a dia, ele continuava trocando... se sentia mais frio, menos conectado, menos encadeado à emoção humana. Mais deus desligado, menos homem.

Mas quando fazia o amor... och, então estava vivo. Então sentia. Só então, não ia à deriva em um mar sem fundo, escuro e violento, sem sequer uma parte insignificante de madeira ao que aferrar-se. Fazer o amor com uma mulher afastava a escuridão, restabelecia sua humanidade essencial. Alguma vez um homem de apetites imensos, agora era insaciável.

Não sou inteiramente escuro ainda, grunhiu provocadoramente aos demônios enroscados dentro dele. Os que aguardavam seu momento com silenciosa certeza, sua maré escura corroendo-o tão firme e indiscutivelmente como o oceano trocava a forma de uma borda rochosa. Ele entendia seus métodos: o mal verdadeiro não assaltava agressivamente: permanecia timidamente quieto e silencioso... e sedutor.

E estava ali cada dia a elevada prova do que ganhavam, nas coisas pequenas das que não se dava conta que estava fazendo até depois de que parecessem; coisas aparentemente inofensivas, como acender o fogo em sua chaminé com um movimento de sua mão e um murmurado gorjeio, ou abrir uma porta ou uma persiana com um sussurro manso, ou o convocar impacientemente um de seus meios de transporte favoritos, um táxi, só com um olhar.

Eram coisas pequenas, inclusive corriqueiros, mas ele sabia que coisas como essas estavam longe de ser inofensivas. Sabia que cada vez que usava magia, voltava-se um pouco mais escuro, perdia outro pouco de si mesmo.

Cada dia era uma batalha para obter três coisas: usar só a cota de magia absolutamente necessária apesar da tentação em contínuo aumento; ter sexo dura, rápida e freqüentemente; e continuar colecionando e registrando os tomos onde poderia fazer a resposta a sua pergunta mais absorvente: existia uma forma de desfazer-se dos Escuros?

Em caso de que não... bem, em caso de que não...

Passou uma mão através de seu cabelo e suspirou profundamente. Seus olhos se estreitaram, observando as luzes oscilantes mais à frente do parque, enquanto detrás de si, no sofá, a moça dormida sonhava o sonho dos completamente exaustos. Na manhã, os círculos escuros arruinariam os olhos delicados sob seus olhos, gravando seus rasgos de fragilidade sedutora. Seus jogos de cama sempre cobravam seu preço em uma mulher.

Duas noites atrás, Katie tinha molhado seus lábios, e OH, tão casualmente, havia dito que ele parecia estar aguardando algo.

Ele tinha sorrido e a tinha rodado em cima de seu estômago. Tinha beijado seu doce, quente e desejável corpo de pés a cabeça. Tinha miserável sua língua sobre cada polegada, logo a havia feito, cavalcando sobre ela, e quando tinha acabado, ela tinha gritado de prazer.

E ela, ou tinha esquecido sua pergunta, ou tinha trocado de opinião a respeito de fazê-la. Katie Ou'Malley não era tola. Sabia que havia muito mais dele do que realmente queria conhecer. Queria-o pelo sexo, nada mais. O qual era estupendo, porque ele era incapaz de dar nada mais.

Espero a meu irmão, moça, não lhe havia dito. Espero o dia em que Drustan se canse de minha negativa de retornar a Escócia. O dia que sua esposa não esteja tão grávida que ele tema deixar seu lado. O dia em que finalmente admita o que já sabe em seu coração, e que entretanto tão desesperadamente finge não escutar em minhas mentiras: que sou escuro como o céu da noite, mas com umas poucas piscadas de luz que ainda brotam dentro de mim.

Och, sim, estava esperando o dia que seu irmão gêmeo cruzasse o oceano e viesse por ele.

Ver o animal em que se converteu.

E se ele permitia que esse dia chegasse, sabia que um deles morreria.

Capítulo 2

Algumas semanas mais tarde

Ao outro lado do oceano, não em Escócia a não ser na Inglaterra, uma terra onde Drustan MacKeltar uma vez erroneamente tinha afirmado que os Druidas escassamente possuíam o suficiente conhecimento para tramar um simples feitiço

de sonho, uma conversação baixa e urgente tinha lugar.

—estabeleceste contato?

—Não me atrevo, Simon. A transformação não está completa ainda.

—Mas aconteceram muitos meses desde que os Draghar tomaram!

—Ele é um Keltar. Embora não pode ganhar, ainda resiste. É o poder o que o corromperá, e ele se rehúsa a usá-lo.

Um silêncio comprido. Então Simon disse:

—esperamos milhares de anos sua volta, como nos foi prometido na Profecia. Estou cansado de aguardar. Força-o. Ihe dê uma razão para necessitar o poder, não perderemos a batalha esta vez.

Um rápido assentimento de cabeça.

—Encarregarei-me disso.

—Sei sutil, Giles. Não o alerte ainda de nossa existência. Quando o tempo seja o adequado, eu o farei. E se algo sai mau... bem, você sabe o que fazer.

Outra inclinação de cabeça rápida, um sorriso de antecipação, uma revoada de tecido e seu companheiro se foi, deixando-o solo no círculo de pedras sob um vermelho amanhecer inglês.

O homem que tinha repartido a ordem, Simon Barton-Drew, professor da seita Druida dos Draghar, recostado contra uma pedra musgosa, distraidamente acariciava a tatuagem da serpente alada em seu pescoço, seu olhar fixo derramando-se sobre os antigos monólitos. Um homem alto, magro com cabelo avermelhado salpicado de cãs, uma face lupina e estreita e descontentes olhos cinzas que não deixavam escapar nada, tinha sido honrado com que o momento propício tivesse chegado sob seu governo. Tinha estado esperando trinta e dois anos esse momento, do nascimento de seu primeiro filho, que tinha coincidido com o dia em que tinha sido iniciado no santuário interior da seita. Havia alguns como os Keltar, que tinham servido aos Tuatha do Danaan, e alguns como ele mesmo, que serviam aos Draghar. A seita Druida dos Draghar tinha mantido a fé por milhares de anos, deixando a Profecia em herança de uma geração a seguinte: a promessa da volta de suas líderes antigos, a promessa de que eles os conduziriam para a glória. A promessa de que lhes retornariam todo o poder que os Tuatha do Danaan lhes tinham roubado fazia tanto tempo.

Ele sorriu. O que apropriado que um dos valiosos Keltar dos próprios Tuatha do Danaan contivera em seu interior o poder dos Draghar antigos, a liga dos Treze Druidas mais capitalistas que alguma vez tinham existido. Que poético que aqueles protegidos dos Tuatha do Danaan finalmente fossem quem os destruiria.

E reivindicariam o lugar por direito dos Druidas no mundo. Não como tinham permitido que o mundo acreditasse que tinham sido, parvos que recolham a infame árvore de muérdago para abraçar-se e beijar-se baixo ele.

Mas sim como governantes do gênero humano.

—Tem que estar brincando— espetou Chloe Zanders, apartando seu comprido cabelo encaracolado da face com ambas as mãos—. Quer que leve o terceiro Livro do Manannan (e sim, sei que é só uma reprodução de uma porção do original, mas ainda assim é invaluable), a um homem no East Sede que provavelmente comerá pipocas de milho enquanto o manuseia? Porque não é como se realmente vá ficar a lê-lo. As partes que não estão em latim estão em gaélico antigo—. Com os punhos em sua cintura, olhou encolerizadamente a seu chefe, um dos vários procuradores da coleção medieval instalada em Los Claustros e The Met—. Para que o necessita? Disse-o?

—Não lhe perguntei— respondeu Tom, encolhendo-se de ombros.

—OH, isso é genial. Não perguntou— Chloe meneou sua cabeça incrédulamente. Embora a cópia em que seus dedos jaziam delicadamente nesse momento não estava iluminada, e tinha apenas uns cinco séculos de antigüidade —quase mil anos menos que os textos originais que residiam no Museu Nacional da Irlanda—, eram uma sagrada parte de história, e exigiam extrema reverência e respeito. Não devia ser levado pela cidade, e crédulo às mãos de um desconhecido.

—Quanto doou?— perguntou irritada. Sabia que um suborno de algum tipo devia ter trocado de mãos. A gente não “revisava” coisas de Los Claustros mais do que podia passear-se até o Trinity College e pedir emprestado o Livro do Kells.

—Um skean dhu do século quinze adornado com jóias e uma invaluable espada de Damasco— disse Tom, sorrindo beatificamente—. A espada de Damasco data das Cruzadas. Ambos foram autenticados.

Uma sobranceira delicada se levantou. A reverência apagou de repente o tom de ofensa.

—Wow. Realmente? Um skean dhu! —. Os dedos da moça se encrespavam de antecipação—. Os tem já?

Antigüidades: amava a todas e cada uma delas, das singulares conta de um rosário com as cenas inteiras da Paixão esculpidas nela, até as Tapeçarias de Unicórnios e a esplêndida coleção de espadas medievais.

Mas especialmente amava todas as coisas escocesas, que lhe recordavam ao avô que a tinha criado. Quando seus pais tinham morrido em um acidente automobilístico, Evan MacGregor tinha entrado em cena e se levou a devastada menina de quatro anos de idade a um novo lar em Kansas. Orgulhoso de sua herança, dotado com um volátil temperamento escocês, ele a tinha nutrido com seu amor para todas as coisas celtas. Era o sonho do Chloe ir um dia ao Glengarry, ver o povo no qual ele tinha nascido, visitar a igreja na qual se casou com sua avó, andar ao longo dos páramos alagados de urzes sob uma lua chapeada. Tinha seu passaporte preparado, em espera desse selo precioso; simplesmente tinha que economizar suficiente dinheiro.

Poderia-lhe levar outro ano ou dois, especialmente agora com o custo de vida em Nova Iorque, mas conseguiria chegar. E não podia esperar. Desde menina, tinha sido arrulhada na hora de dormir, em noites incontáveis, pelo acento suave de seu avô enquanto tecia contos fantásticos de sua terra natal. Quando tinha morrido cinco anos atrás, tinha estado desolada. Algumas vezes, só na noite em Los Claustros, encontrava-se a si mesmo lhe falando em voz alta, sabendo que embora ele teria odiado a

vida de cidade mais ainda que ela mesma, tivesse amado a carreira que tinha eleito: conservar as antiguidades e os velhos costumes.

Seus olhos se estreitaram enquanto a risada do Tom fazia pedaços seu sonho. Ele ria ahogadamente pela transição veloz do tom de insulto para a admiração em sua voz. A jovem se conteve e empastelou uma aparência carrancuda em sua face outra vez. Não era muito duro fazê-lo: um desconhecido ia tocar um texto invaluable. Sem supervisão. Quem sabia o que poderia ocorrer?

—Sim, já os tenho, Chloe. E não pedi sua opinião de meus métodos. Seu trabalho é trabalhar com os registros.

—Tom, tenho um Master em Civilizações Antigas e falo tantos idiomas como você. Sempre há dito que minha opinião conta. Faz-o ou não?

—É obvio que conta, Chloe— disse Tom, ficando sério velozmente. tirou-se os óculos e começou à polir com uma gravata que luzia sua acumulação usual de manchas de café e miolos de doa de geléia—. Mas se não tivesse estado de acordo, ele ia doar as espadas ao Royal Museum de Escócia. Sabe quão inflexível é a competição pelas antiguidades de qualidade. Entende a política. O homem está bem economicamente, é generoso, e tem uma coleção magnífica. Poderíamos persuadi-lo para nos deixar alguma sorte de herança a sua morte. Se quiser alguns dias com um texto de quinhentos anos de idade, um dos menos apreciados no que a isso se refere, vai ter o.

—Se chegar a manchar com pipocas de milho as páginas, vou matar o.

—Precisamente por isso te pedi que trabalhasse para mim, Chloe; amas essas velhas coisas tanto como eu. Adquiri dois tesouros mais hoje, assim sei uma boa garota e entrega o texto.

Chloe bufou. Tom a conhecia muito bem. Tinha sido seu professor de história medieval na Universidade de Kansas antes de que tivesse obtido esse posto como procurador. Um ano atrás, tinha-a procurado em Kansas, onde ela tinha estado trabalhando em uma deprimente desculpa de museu, e lhe tinha devotado um emprego. Embora tinha sido difícil deixar a casa em que tinha crescido, cheia de tantas lembranças, não tinha podido rechaçar a oportunidade de trabalhar em Los Claustros, sem importar o impressionante choque cultural que tinha sofrido. Nova Iorque era fria, brilhante, faminta e mundana, e em meio de sua sofisticação impenetrável, a rural garota de Kansas se havia sentido desesperadamente torpe.

—O que, supõe-se que simplesmente caminharei por ali com esta coisa colocada sob meu braço? Com o Fantasma Gaulish espreitando ali fora?—. Ultimamente tinha havido uma erupção de roubos de escritos celtas provenientes de coleções privadas. Os meios noticiosos tinham apelidado ao ladrão o Fantasma Gaulish, porque roubava só artigos celtas e não deixava pistas, aparecendo e desaparecendo como um fantasma.

—Faz que Amelia o empacote para ti. Meu carro espera em frente. Bill tem o nome do homem e sua direção; conduzirá-te ali e rodeará a maçã enquanto sobe um momento. E não acosse ao homem quando o entregar— adicionou ele.

Chloe rodou seus olhos e suspirou, mas recolheu o texto com delicadeza. Quando estava quase fora da porta, Thomas disse:

—Quando retornar te mostrarei as espadas, Chloe.

Seu tom era amigável mas divertido, e demonstrava que a conhecia muito bem. Sabia que ela se apressaria a retornar para as ver. Sabia que ela passaria por cima seus enganosos métodos de aquisição uma vez mais.

—Um suborno. Um vergonhoso suborno— resmungou ela—. E não me fará passar no que fez—. Mas já ansiava as tocar, percorrer com um dedo o metal frio, sonhar com as épocas remotas e os lugares antigos.

Criada com os valores do meio oeste, idealista até a medula, Chloe Zanders tinha uma debilidade, e Tom a conhecia. Ponha algo antigo em suas mãos e se converte em argila. E se era antigo e escocês? Jesus, estava despejada.

Alguns dias, Dageus se sentia tão velho como o mal dentro dele.

Enquanto fazia gestos a um táxi para que o levasse para Os Claustros para recolher a cópia de um dos últimos tomos que precisava examinar em Nova Iorque, não advertiu as olhadas fascinadas das mulheres que caminhavam na calçada que se voltavam para vê-lo passar. Não se deu conta de que, inclusive em uma metrópole que bulia de diversidade, ele sobressaía. Não era nada que ele dissesse ou fizesse; na aparência não era a não ser outro homem rico, pecadoramente bonito. Era simplesmente a essência do homem, a forma em que se movia. Cada gesto que exsudava poder, algo escuro e... proibido. Era sexual de um modo que provocava que as mulheres tecessem fantasias profundamente reprimidas para contar a seus terapeutas, e as feministas, do mesmo modo, encolhessem-se de medo para as ouvir.

Mas ele não se precava de nada disso. Seus pensamentos eram fora do comum, ainda refletindo sobre as tolices escritas no Livro do Leinster.

Och, o que não daria pela biblioteca de sua p.

Em lugar disso, tinha obtido sistematicamente quão escritos ainda existiam, esgotando suas possibilidades antes de continuar correndo mais riscos. Riscos tais como pisar nas ilhas de sua antepassados outra vez, algo que rapidamente começava a parecer inevitável.

Pensando nos riscos, fez uma nota mental de devolver alguns dos volúmenes que havia feito emprestados de coleções privadas quando os subornos não o tinham obtido. Não havia razão para os ter em seu poder muito mais tempo.

Olhou para cima o relógio por cima do banco. Doze e quarenta e cinco. O procurador de Los Claustros lhe tinha assegurado que lhe entregariam o texto a primeira hora da manhã, mas ainda não tinha chegado e Dageus se aborrecia de esperar.

Necessitava informação, informação precisa a respeito dos antigos benfeitores dos Keltar, os Tuatha do Danaan, esses “deuses e não deuses”, como o Livro do Cow Dun os chamava. Tinham sido quem originalmente tinha encarcerado aos

Druidas Escuros entre dimensões, portanto, deduzia, haveria uma forma de reencarcerá-los.

Era imperativo que descobrisse essa forma.

Enquanto se deslizava dentro do táxi, um trabalho tortuoso para um homem de seu tamanho, sua atenção foi atraída por uma moça que saía de um carro na sarjeta, frente a eles.

Ela era diferente, e foi essa diferença a que atraiu seu olhar. Não tinha nada do brilho da cidade e era mais preciosa por isso. Refrescantemente despenteada, encantadoramente livre dos artifícios com os quais as mulheres modernas realçavam suas faces, ela era uma visão.

—Um momento— grunhiu ao condutor, observando-a avidamente.

Cada um de seus sentidos se intensificou dolorosamente. Suas mãos se converteram em punhos à medida que o desejo, nunca satisfeito, alagava-o.

Em alguma parte de sua ascendência, a moça tinha sangue escocês. Estava ali, nas ondas frisadas de cabelo cor cobre e loiro que emolduravam uma face delicada, com uma mandíbula surpreendentemente firme. Estava ali, na cor pêssego e nata da cutis e nos enormes olhos cor verde mar que ainda olhavam o mundo com admiração, advertiu ele com um sorriso fracamente zombador. Estava ali, em um fogo que fervia lentamente, apenas sob a superfície, de sua pele perfeita. Pequenha, deliciosamente arredondada onde contava, com uma cintura fina e pernas bem proporcionadas rodeadas por uma saia ajustada, a moça era o sonho de um Highlander banido.

Ele molhou seus lábios e ficou olhando, fazendo um ruído intenso em sua garganta que era mais animal que humano.

Quando ela se inclinou através da janela aberta do carro para lhe dizer algo ao condutor, a parte traseira de sua saia subiu umas poucas polegadas. Ele inspirou agudamente, visualizando-se a si mesmo atrás dela. Seu corpo inteiro se voltou tenso de luxúria.

Cristo, ela é adorável. Suas curvas exuberantes poderiam fazer reviver a um morto.

Ela se inclinou para frente um pouco mais, mostrando mais dessa curva doce da parte traseira de suas coxas.

A boca do Dageus ficou ferozmente seca.

Não é para mim, advertiu-se a si mesmo, apertando os dentes e movendo-se para reduzir a pressão em seu membro repentina e dolorosamente duro. Só levava a moças experimentadas a sua cama. Moças maiores em mente e corpo. Não emprestando, como o fazia ela, a inocência. A sonhos brilhantes e um belo futuro.

Frite e mundanas, com paladares e corações cínicos, eram da classe que um homem podia tombar e afastar-se com uma quinquilharias ao amanhecer.

Ela era do tipo que um homem conservava.

—Vamos— murmurou ao condutor, arrancando à força seu olhar fixo dela.

Chloe golpeou ligeiramente seu pé com impaciência, apoiando-se contra a parede ao lado do escritório de recepção. O maldito homem não estava ali. Tinha estado esperando durante quinze minutos que se dignasse a aparecer. Uns poucos momentos antes, havia dito finalmente ao Bill que seguisse sem ela, que tomaria um táxi de volta aos Claustros e o carregaria à conta do Departamento.

Tamborilou impacientemente no mostrador. Simplesmente queria entregar seu pacote e ir-se. Quanto mais logo se desembaraçasse dele, mais logo poderia esquecer sua parte nesse sórdido assunto.

Lhe ocorreu que a menos que pudesse encontrar uma alternativa, provavelmente terminaria desperdiçando o dia inteiro. Um homem que vivia na rua East seria um homem acostumado a que outros esperassem a que lhe conviesse vê-los.

Passeando o olhar ao redor, contemplou uma possível alternativa. Fazendo uma respiração profunda e alisando seu traje, remeteu o pacote sob seu braço e caminhou a grandes passos, energicamente, através do elegante vestíbulo para o escritório de Segurança. Dois homens musculosos atrás dele que luziam uniformes brancos e negros a observaram enquanto ela se aproximava.

Quando tinha chegado a Nova Iorque pela primeira vez no ano anterior, tinha sabido instantaneamente que nunca estaria na mesma liga que mulheres da cidade. Polidas e elegantes, eram como Mercedes, BMWs e Jaguares, e Chloe Zanders era um... Jipe, ou talvez um Toyota Highlander em um bom dia. Sua bolsa nunca fazia jogo com seus sapatos, embora se considerava afortunada se seus sapatos faziam jogo entre si. Apesar de tudo, acreditava em trabalhar com o que alguém tinha, assim fazia o melhor que podia para colocar um pouco de encanto feminino em sua forma de caminhar, rezando que não se rompesse um tornozelo no processo.

—Tenho uma entrega para o senhor MacKeltar— anunciou, curvando seus lábios no que esperava fora um sorriso coquete, tratando de suavizá-lo-lo suficiente para que lhe permitissem deixar a maldita coisa em algum lugar um pouco mais seguro. De maneira nenhuma o daria ao adolescente talher de grãos atrás do escritório de recepção. Nem a esses brutos musculosos.

Duas olhadas lascivas a varreram de pés a cabeça.

—Estou com certeza que sim, carinho— pronunciou o homem loiro com lentidão. Dirigiu-lhe outro olhar minucioso—. Você não é seu tipo usual, entretanto.

—O senhor MacKeltar recebe montões de entregas— sorriu seu companheiro de cabelo escuro burlonamente.

OH, genial. Simplesmente genial. O homem é um mulherengo. Pipocas de milho e só Deus sabe que mais nas páginas. Grr.

Mas supôs que deveria estar agradecida, disse-se a si mesmo uns poucos minutos mais tarde, enquanto subia no elevador até o piso quarenta e três. Tinham-na deixado aproximar-se do piso do penthouse sem acompanhamento, o qual era

assombroso em uma luxuosa propriedade do East Sede.

Deixa-o em sua hall; é o suficientemente seguro, havia dito o loiro, embora seu olhar, ofensivamente pegajosa, claramente lhe havia dito que acreditava que o pacote real era ela, e que não planejava vê-la outra vez por alguns dias, ao menos.

Se Chloe tivesse sabido que tão certo era que realmente ele não a veria outra vez durante dias, nunca se tivesse subido a esse elevador.

Mais tarde, também refletiria que se só a porta não tivesse estado sem chave, ela teria estado bem. Mas quando chegou à hall do senhor MacKeltar, que transbordava com frescas flores exóticas e estava provida com cadeiras elegantes e tapetes magníficos, em tudo o que tinha podido pensar era que a Segurança poderia deixar entrar em alguma garota bonita e tola, tal como o tinham feito com ela, e a hipotética garota bonita poderia arrancar uma página do invaluable texto para envolver sua borracha de mascar, ou um pouco igualmente sacrílego.

Então, suspirando, alisou seu cabelo e provou uma das contraportas.

deslizou-se silenciosamente ao abrir-se... céus, eram essas dobradiças chapeadas em ouro? Divisou seu reflexo boquiaberto em um deles. Algumas pessoas tinham mais dinheiro que sentido comum. Simplesmente uma dessas estúpidas dobradiças pagaria a renda de seu diminuto apartamento por meses.

Negando com a cabeça, entrou e se esclareceu voz.

—Olá?— chamou, enquanto lhe ocorria que poderia estar sem chave porque ele tinha deixado a uma de suas mulheres, aparentemente inumeráveis, ali.

—Olá, olá!— chamou de novo.

Silêncio.

E luxo. Como nunca tinha visto.

Percorreu com o olhar seu entorno, e inclusive então poderia ter seguido bem se não tivesse divisado o glorioso claymore escocês pendendo por cima da chaminé na sala de estar. aproximou-se dela como uma traça à chama.

—OH, você, coisa primorosa, preciosa, esplêndida e pequena... você...— gaguejou, apressando-se a aproximar-se, prometendo-se a si mesmo que ia colocar o texto na mesa para café de mármore, jogar uma rápida olhada, e partir.

Vinte minutos mais tarde, estava em meio de uma exploração cabal da casa do homem, seu coração martelando com nervosismo, mas muito cativado para deter-se.

—Como se atreve a permitir que sua porta esteja aberta enquanto não está?— queixou-se, olhando ceñudamente um magnífico sabre medieval casualmente sustentado contra a parede em uma esquina. Amadurecido para ser depenado. Embora Chloe estava orgulhosa de seus princípios morais, sofreu um desejo chocante de remetê-lo sob seu braço e sair a toda pressa.

O lugar estava cheio de antiguidades, todas celtas, para o caso! Armas escocesas do século quinze, se não errava em seus cálculos —e raramente o fazia—, adornavam uma parede da biblioteca. Um regalia escocês sem preço: sporrán, insígnia, e broches em perfeito estado, estava colocado junto a uma pilha de moedas antigas sobre um escritório.

Ela o tocou, examinou-o, e meneou incrédulamente a cabeça.

Embora previamente havia sentido pouco menos que aversão para o homem, sentia-se mais próxima a ele por momentos, desvergonzadamente seduzida por seu gosto excelente.

E sentindo mais curiosidade a respeito dele com cada novo descobrimento.

Nada de fotos, advertiu, passeando o olhar ao redor dos quartos. Nenhuma. Gostaria de saber como seria o tipo.

Dageus MacKeltar. Que nome.

Não tenho nada contra Zanders, o avô freqüentemente havia dito, é um bom nome, mas é tão fácil apaixonar-se por um escocês como de um inglês, moça. Uma pausa pesada. Um harumph. Logo, inevitável como a saída do sol: Muito mais fácil, realmente.

Sorriu, recordando como a tinha animado interminavelmente a que ela se conseguisse um “sobrenome”.

Seu sorriso se congelou enquanto entrava no dormitório.

Seu desejo de saber como era ele escalou ao território da obsessão.

Seu dormitório, seu pecaminoso e decadente dormitório, tinha uma enorme cama esculpida à mão, rodeada de cortinas e coberta com sedas e veludos, com uma chaminé exquisiteiramente lajeada, um Jacuzzi de mármore negro no qual poderia sentar-se sorvendo champanha, contemplando o anoitecer sobre Manhattan através de uma parede de janelas. Dúzias da Candelas rodeavam a tina. Dois copos jaziam descuidadamente derrubados sobre o tapete berberisca.

Seu perfume permanecia no quarto, perfume de homem, especiarias e virilidade.

Seu coração tropejou enquanto a enormidade do que estava fazendo a golpeava. Estava bisbilhotando no penthouse de um homem muito rico, e nesse momento estava de pé no dormitório do homem, pelo bem do céu! Na muito mesmo guarida onde ele seduzia a suas mulheres.

E pelo aspecto geral das coisas, sentia uma marcada sedução pelas belas artes.

O tapete de lã virgem, o veludo negro que punha cortinas a cama monstruosa, os lençóis de seda sob uma suntuosa colcha de veludo cor pérola, espelhos adornados meticulosamente e dignos de um museu, emoldurados em prata e obsidiana.

Apesar das campainhas de advertência em sua cabeça, não podia obrigar-se a sair. Fascinada, abriu um armário, arrastando seus dedos sobre a roupa feita a medida, inspirando o perfume sutil, inegavelmente sexual do homem. Sapatos italianos deliciosos e botas revestiam o piso.

Começou a conjurar uma imagem de fantasia dele.

Era alto (ela não ia ter bebês pequenos!) e de aparência agradável, com um bom corpo, entretanto não muito excepcional, e um rouco acento.

Seria inteligente, falaria vários idiomas, (assim poderia ronronar palavras gaélicas de amor em sua orelha), mas não muito gentil, e inclusive um pouco rude: esqueceria-se de barbear-se, coisas como essa. Seria um pouco introvertido e doce. Gostaria das mulheres pequenas e curvilíneas, cujos narizes estavam dentro dos livros tanto tempo que se esqueciam de depilá-las sobranceiras e pentear-se e ficar maquiagem. Mulheres cujos sapatos não sempre faziam jogo.

Como se existissem. A voz da razão grosseiramente fez estalar sua borbulha de fantasia. O tipo escada abaixo disse que você não foi seu tipo usual. Agora sal daqui, Zanders.

E inclusive então não teria sido muito tarde, ainda poderia ter escapado se não se moveu mais perto dessa cama pecaminosa, tivesse cuidadoso às escondidas curiosamente e não sem um poquinho de fascinação os sedosos lenços atados ao redor dos postes da cama, do tamanho de pequenos troncos de árvore.

A Chloe que tinha crescido comendo folhinhas de milho em Kansas se scandalizou. Nunca-em-toda a vida-um-homem-ia-a... repentinamente, Chloe se sentiu respirar levianamente, por não dizer mais.

Temblorosamente evitando essa visão, e retrocedendo sobre umas pernas cambaleantes, quase não viu a esquina do livro aparecendo de debaixo de sua cama.

Mas Chloe nunca deixava passar um livro. E menos um antigo, para o caso.

Momentos mais tarde, com a saia retorcida ao redor de seus quadris, seu pacote abandonado em uma cadeira, a jaqueta do traje lançada ao piso, ela tinha escavado em sua reserva escondida: sete volúmenes medievais.

Todos o que tinha sido recentemente denunciado como roubado por diversos colecionadores.

Bom Deus, estava na guarida do demoníaco Fantasma Gaulish! E não era estranho que tivesse tantas antiguidades: roubava algo que quisesse.

Sobre suas mãos e joelhos, farejando sob sua cama por mais provas de seus delitos atozes, a opinião do Chloe Zanders sobre o homem tinha dado uma curva cerradíssima para o pior.

—Promíscuo, desprezível ladrão— resmungou em voz baixa—. Incrível.

Cautelosamente, com o polegar e a ponta de dedo indicador, arrastou um tanga de encaixe negro de debaixo da cama. Ewww... Um envoltório de camisinha. Outro envoltório de camisinha. Outro envoltório de camisinha. Jesus! Quantas pessoas vivem aqui?

Magnum, o envoltório anunciava com ar satisfeito, para o homem Extragrande.

Chloe piscou.

—Ainda não o tentei debaixo da cama, moça— um profundo acento escocês ronronou detrás dela—, mas se o prefere assim... e se o resto de ti é a metade de precioso como o que estou vendo... poderia ser persuadido para te agradar.

O coração do Chloe deixou de palpitar.

congelou-se, seu cérebro vacilando no dilema de brigar ou fugir-se. Com cinco pés e três polegadas de estatura, brigar não era a opção mais alentadora. Infelizmente, seu cérebro não tinha processado o fato de que estava ainda sob a cama quando descarregou a quebra de onda de adrenalina necessária para escapar, assim só conseguiu golpeá-la parte traseira da cabeça contra o sólido armação de madeira.

Enjoada, vendo as estrelas, começou a ter soluço, um pouco muito mortificante que sempre lhe ocorria quando ficava nervosa, como se simplesmente estar nervoso não fora o suficientemente mau.

Mas não tinha que sair de debaixo da cama para saber que estava colocada até o pescoço em uma confusão, muito, muito grande.

Capítulo 3

Uma mão firme a sujeitou pelo tornozelo, e Chloe deixou escapar um pequeno grito.

Tentou lançar um enorme grito, mas o desconsiderado soluço o afogou deixando-a com a boca aberta. Cruelmente, ele a devorou de debaixo de sua cama.

Com frenesi, a moça agarrou sua saia com ambas as mãos, tratando de conservá-la em seu lugar em vez da ter apinhada ao redor de sua cintura enquanto se deslizava inexoravelmente para trás. Quão último queria era que seu traseiro nu aparecesse primeiro. A linha de suas calcinhas se via baixo essa saia em particular (o qual era uma razão pela que não a levava freqüentemente, unida ao feito de que tinha ganho um pouco de peso e ficava ajustada), assim que se pôs as médias sem calcinhas. Não era algo que fizesse com freqüência, mas justamente tinha tido que fazê-lo esse dia!

Quando esteve completamente à vista desde debaixo da cama, ele deixou cair seu tornozelo. Chloe manteve a barriga sobre o toalha de mesa, soluçando e tratando desesperadamente de recorrer a seu engenho para livrar-se dessa humilhante situação.

O homem estava atrás dela: podia senti-lo lhe cravando os olhos. Em silêncio.

Em um silêncio terrível, horrível, desconcertante.

Tragando um soluço, incapaz de reunir o valor suficiente para olhar detrás de si, disse com brilhante ligeireza, em sua voz sem fôlego:

—Je NE parle ps anglais. Parlez-vous francais?—. Logo com um elevado acento francês (fingir ser parvo em latim lhe parecia um pouco inverossímil)—: Serviço de habitações— soluço—. Limpou o dormitório de você, oui?— soluço.

Nada. Ainda silêncio detrás dela.

ia ter que olhá-lo.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

